

DUAS DECLARAÇÕES DE SUMA IMPORTÂNCIA

A confissão de Pedro sobre ser Cristo o Filho de Deus é um marco importante em Mateus. Esse Relato do Evangelho começa identificando Jesus como o Messias divino, o Filho de Davi (1:1, 16, 17, 20, 23). Depois de Jesus ser batizado, Deus reconheceu-O como Seu Filho (3:17), João Batista havia preparado o caminho para Cristo (3:11, 12), e depois disso ele quis se certificar de que Jesus era verdadeiramente o Messias (11:2–6). As multidões geralmente se admiravam com o ensino e os milagres de Jesus (4:24, 25; 7:28, 29; 9:31, 33; 13:54; 15:31). Alguns rejeitaram Jesus – especialmente os habitantes de Nazaré, Sua terra (13:57) e líderes religiosos (9:3; 12:24). Outros O aclamaram Filho de Davi (9:27; 12:23; 15:22). Os próprios discípulos questionaram a identidade de Jesus depois que Ele acalmou uma tempestade: “Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?” (8:27). Em outra ocasião, entusiasmados, logo depois que Jesus andou sobre as águas, afirmaram: “Verdadeiramente és Filho de Deus!” (14:33). Essa declaração prenuncia a boa confissão feita por Pedro, que aconteceu num ambiente mais calmo.

PEDRO: “TU ÉS O CRISTO” (16:13–16)

¹³Indo Jesus para os lados de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: **Quem diz o povo ser o Filho do Homem?** ¹⁴E eles responderam: **Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.** ¹⁵Mas vós, continuou ele, **quem dizeis que eu sou?** ¹⁶Respondendo Simão Pedro, **disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.**

Versículo 13. Depois de aportar em Betsaida (Marcos 8:22) no lado oriental do mar da Galileia (16:5), Jesus e Seus discípulos viajaram aproximadamente quarenta quilômetros rumo ao Norte, até o distrito de **Cesareia de Filipe**. Em vez de “lados”, Marcos 8:27 diz “aldeias”. Essa região, cujas fontes d’água serviam como nascente do rio Jordão¹, ficava ao pé do monte Hermom, perto da cidade vétero-testamentária de Dã, a qual ficava na fronteira Norte de Israel. A expressão proverbial “de Dã a Berseba”², que significava todo o Israel, refletia bem a localização Norte de Dã³.

A região era também conhecida pela adoração a Baal (Josué 11:17; Juízes 3:3; 1 Crônicas 5:23). Durante o período helenístico, a cidade se chamava “Paneias” ou “Panias”. Túmulos foram cravados em rochas em homenagem ao deus grego Pan e havia um mito de que ele nascera numa das cavernas dali. O deus Pan era retratado na figura de um ser meio-bode e meio-homem. Era associado a fertilidade e descendência, sendo o deus dos pastores, rebanhos, campos, pomares e florestas.

“Cesareia” recebeu esse nome do tetrarca Filipe⁴, em homenagem a César Augusto. Mais tarde, Fili-

¹Josefo, *Guerras* 3.10.7.

²Berseba ficava em Judá, a parte sul de Israel.

³Veja Juízes 20:1; 1 Samuel 3:20; 2 Samuel 3:10; 17:11; 24:2, 15; 1 Reis 4:25; 1 Crônicas 21:2; 2 Crônicas 30:5.

⁴Flávio Josefo, *Antiguidades* 18.2.1; *Guerras* 2.9.1.

pe acrescentou-lhe o nome “de Filipe” em homenagem a si mesmo e para diferenciá-la de outra Cesareia, a magnífica cidade portuária no litoral mediterrâneo (Atos 8:40; 12:19; 23:33)⁵. Cesareia de Filipe continha um templo edificado por Herodes, o Grande, em homenagem a César Augusto⁶. Embora a cidade fosse predominantemente gentílica, uma pequena população judia também vivia ali⁷.

É irônico que Jesus tenha escolhido esse lugar para anunciar a vinda do reino do céu! No lugar dedicado ao governante mais poderoso sobre a terra daquela época, Jesus falou do Seu próprio reino, a igreja, que tragaría aquele império terreno em apenas alguns anos. A vinda do reino de Cristo cumpriria a profecia de Daniel 2:44 e 45.

Assim que entraram na região adjacente a Cesareia de Filipe, Jesus interrogou Seus seguidores: **“Quem diz o povo ser o Filho do Homem?”** A expressão “Filho do Homem” é usada com referência ao Messias numa profecia em Daniel (Daniel 7:13). Nas palavras de Deus ao profeta Ezequiel, ela geralmente significava “homem”, ou seja, aquele que nasceu para o mundo. Este é o título que Jesus usou na maioria das vezes para referir-se a Si mesmo e enfatizar Sua humanidade (veja os comentários sobre 8:20). Jesus certamente fez essa pergunta por causa das inúmeras especulações que circulavam sobre a Sua identidade.

Versículo 14. Inicialmente, os discípulos responderam que **uns** pensavam que Jesus era **João Batista**. Entre estes, conforme observado anteriormente, estava Herodes Antipas. Ele acreditava que Jesus era João Batista ressuscitado dos mortos, uma opinião relacionada ao poder miraculoso que Jesus possuía (veja os comentários sobre 14:2).

Outros pensavam que Jesus era **Elias**. Talvez os estilos de vida de ambos fossem semelhantes, e suas mensagens, parecidas. Além disso, o profeta Malaquias profetizara que Elias voltaria (Malaquias 4:5). Jesus explicou essa profecia dizendo que Elias veio na pessoa de João Batista (veja os comentários sobre Mateus 11:14).

E outros pensavam que Jesus era **Jeremias**. Provavelmente a semelhança mais surpreendente entre Jesus e o profeta do Antigo Testamento seja a preocupação de ambos com o povo de Deus. Jeremias ficou conhecido como o “Profeta Chorão”.

⁵Flávio Josefo, *Guerras* 3.9.7; 7.2.1.

⁶Flávio Josefo, *Antiguidades* 15.10.3.

⁷Flávio Josefo, *Vida* 13.

Ele chorou pelos pecados do seu povo e escreveu o Livro de Lamentações, lamentando o fato de não se arrependem. Jesus chorou publicamente e foi um “homem de dores, que sabe o que é padecer” (Isaías 53:3). Ele predisse a destruição de Jerusalém (Mateus 24:1–28) e chorou por ela porque seu povo não se arrependeu (Lucas 19:41). Tanto Jeremias quanto Jesus sofreram nas mãos dos líderes judeus.

Considerando que algumas dessas coisas ainda não tinham acontecido a essa altura do ministério de Jesus, por que o povo O associaria com Jeremias? Eis uma possibilidade: como a morte de Jeremias não está registrada nas Escrituras, os judeus provavelmente acreditavam que ele subira ao céu e se unira aos companheiros imortais do Messias⁸. Também um livro pseudoepígrafo menciona Jeremias, juntamente com Isaías, voltando para prestar ajuda ao povo de Deus⁹. Todavia, alguns estudiosos acreditam que esse foi um acréscimo posterior feito por cristãos ao texto judaico.

Outra opinião sobre a identificação de Jesus era que Ele era **algum dos profetas**. Essa resposta geral associava Jesus com os profetas do Antigo Testamento, sem apontar para algum profeta em particular. O povo acreditava que “ressurgi[ra] um dos antigos profetas” (Lucas 9:8, 19).

Versículo 15. Após essa conversa sobre o parecer de outros a respeito de Jesus, Ele mirou o foco para os próprios apóstolos: **“Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?”** Em grego, o pronome “vós” está em posição de ênfase. Jesus havia pedido a opinião de outras pessoas sobre Sua identidade, mas agora Ele pedia que Seus apóstolos expressassem a *fé* deles. Talvez tivessem opiniões diferentes quanto a quem Jesus realmente era, mas chegara a hora de avançarem para a decisão correta. O tempo de Jesus na terra estava se esgotando, e esses homens seriam deixados aqui para continuar a obra de Jesus. Era necessário que cressem em Jesus ou a missão deles não teria êxito.

Versículo 16. Simão Pedro respondeu: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”**. Pedro costumava agir como porta-voz do grupo de discípulos (14:28; 15:15; 16:16; 17:24–27; 18:21). A confissão

⁸David Hill, *The Gospel of Matthew*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972, pp. 259–60. Hill observou que os judeus expressaram tais tradições sobre Moisés e Isaías em *A Assunção de Moisés e A Ascensão de Isaías*.

⁹2 *Esdras* 2.18.

de Pedro nessa ocasião consistia de duas partes: antes dos demais, ele identificou Jesus como “o Cristo”. Além disso, ele chamou Jesus de “o Filho do Deus vivo”¹⁰.

A declaração de que Jesus era “o Cristo” significava que ele estava reconhecendo que Jesus era o Messias, predito séculos atrás. “Cristo” (Χριστός, *Christos*) é o equivalente grego à palavra hebraica traduzida por “Messias” (מָשִׁיחַ, *Mashiach*). Significava que Ele era Aquele que Deus escolhera para ser “o Seu Ungido”.

A expressão deriva da prática de homens revestidos de autoridade – como um profeta ou um grupo de anciãos – ungirem a cabeça de um futuro rei com azeite (1 Samuel 16:13; 2 Samuel 2:4; 5:1–3). O rei de Israel, como “ungido do Senhor”, era visto como representante de Deus na terra (Salmos 2:2, 6). O povo da época de Jesus esperava que o Messias tivesse um trono eterno, baseando essa expectativa nas promessas feitas a Davi (2 Samuel 7:16)¹¹. André, irmão de Simão Pedro, havia declarado impulsivamente que Jesus era o Messias no primeiro encontro que teve com o Mestre (João 1:41). Natanael chamou Jesus de “o Rei de Israel” (João 1:49), outra expressão que significava que Jesus era o Messias.

“O Filho do Deus vivo” também era um título messiânico, mas continha um significado mais profundo (2 Samuel 7:14; Salmos 2:7; 89:26, 27; Hebreus 1:5–14). Alguns discípulos haviam admitido anteriormente que Jesus era o Filho de Deus. Natanael fez essa declaração (João 1:49), assim como os doze logo que Jesus acalmou a tempestade na Galileia (14:33). Pedro confessou crer que Jesus era “O Santo de Deus”, após o sermão do Senhor sobre o pão da vida (João 6:68, 69). Ao dizer que Ele era “o Filho de Deus”, estavam reconhecendo o Seu poder e a Sua divindade. Estavam fazendo uma declaração sobre o relacionamento singular de Jesus com Deus. O Pai de Jesus era “o Deus vivo”. Essa era uma designação do Antigo Testamento para Deus, a qual O contrastava com os ídolos inanimados dos pagãos (Deuteronômio

¹⁰Nos Evangelhos Sinópticos paralelos, Marcos diz simplesmente “o Cristo” (Marcos 8:29) e Lucas, “o Cristo de Deus” (Lucas 9:20).

¹¹Certo texto pseudoepígrafo afirma: “Vê, Senhor, e ressuscita para eles seu rei, o filho de Davi, para governar sobre teu servo Israel no tempo por ti determinado, ó Deus. Reveste-o de força para destruir os governantes injustos, para purificar Jerusalém dos gentios que a esmagam para destruí-la” (*Salmos de Salomão* 17.21, 22).

5:26; Josué 3:10; Salmos 42:2; Daniel 6:20; Oseias 1:10). Essa linguagem certamente era apropriada para a região de Cesareia de Filipe, onde acontecia a adoração a Baal, Pan e César Augusto.

JESUS: “EDIFICAREI A MINHA IGREJA” (16:17, 18)

¹⁷Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. ¹⁸Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Versículo 17. Jesus declarou que Pedro era **bem-aventurado**, ou bendito, por ter entendido essa verdade e por causa da procedência desse entendimento. “Bem-aventurado” descreve aquele que tem motivo para estar extremamente feliz (5:3–12; 11:6; 13:16; 24:46).

Pedro era “bem-aventurado” porque essa verdade fora revelada a ele, não por homens (**carne e sangue**), mas pelo **Pai, que está nos céus**. John Lightfoot destacou a expressão “carne e sangue”, encontrada muitas vezes nos escritos judaicos e usada para contrastar homens com Deus¹². No Novo Testamento, ela também enfatiza a fraqueza do homem (1 Coríntios 15:50; Gálatas 1:16; Efésios 6:12; Hebreus 2:14). Outra possível tradução aqui seria “homem mortal”.

O fato de que a verdade foi revelada pelo Pai pode se referir ao ensino e aos milagres feitos por Cristo (11:25, 26). Jesus deixou claro que Sua mensagem e Sua missão eram originárias de Deus (João 4:34; 5:30; 6:38, 39; 7:16). Portanto, observar o ministério de Jesus pode ter levado Pedro a crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (14:33; João 6:69). Outra possibilidade é que o Espírito Santo comunicou essa verdade diretamente a Pedro (2 Pedro 1:20, 21). Hoje, Deus ainda revela a identidade de Jesus às pessoas, mas Ele faz isto através de Sua Palavra inspirada (Romanos 10:13–17).

Jesus dirigiu-se a Pedro como **Simão Barjonas**. “Bar” é um vocábulo aramaico equivalente ao hebraico “Ben”; ambos significam “filho de”.

¹²John Lightfoot, *A Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica: Matthew—1 Corinthians*, vol. 2, *Matthew—Mark*. Oxford University Press, 1859; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker, 1979, p. 234. Veja, por exemplo, Talmude, *Berakoth* 28b.

Pedro era filho de um homem chamado “Jonas”. Jesus já havia usado esse mesmo nome ao se referir a Pedro, quando se encontraram pela primeira vez (João 1:42). Ele também usou esse nome três vezes à beira do mar da Galileia, após Sua ressurreição (João 21:15–17).

Versículo 18. Jesus anunciou a Pedro: **“Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.”** No primeiro encontro (João 1:42), Jesus deu a Simão o nome aramaico “Cefas”, que significa “pedra grande” ou “rocha” (veja Jó 30:6; Jeremias 4:29). O equivalente grego desse nome é “Pedro” (Πέτρος, *Petros*), um vocábulo masculino, que significa “pedra”¹³. Quando Jesus disse: “Sobre essa pedra edificarei a minha igreja”, Ele poderia estar fazendo um jogo de palavras com o nome que Ele mesmo deu a Simão. A palavra grega para “pedra” (πέτρα, *petra*) na frase de Jesus é feminina e refere-se a “formações rochosas ou maciças”¹⁴. Talvez as montanhas rochosas em torno de Cesareia de Filipe tenham trazido essa imagem à mente de Jesus.

Ainda que, provavelmente, Jesus falasse em grego com os gentios (15:21–28), Ele pode ter usado o aramaico nessa ocasião, ao conversar com Seus discípulos. Nesse caso, Ele teria usado a mesma palavra aramaica (כִּפְתָּא, *keypa*) tanto para “Pedro” como para “pedra”. Então, pode ser que, ao traduzir a frase de Jesus para o grego, Mateus naturalmente tenha usado o substantivo feminino *petra* para verter o termo aramaico, pois *petra* é o equivalente mais próximo. Entretanto, convinha usar a forma masculina *Petros* visto que Pedro era um homem. Ainda que os substantivos *petros* e *petra* fossem, às vezes, usados como sinônimos¹⁵, este jamais poderia ser o caso neste tipo de texto. Jesus escolheu palavras que distinguiram “Pedro” de “pedra”.

O significado dessa declaração de Jesus é objeto de muitos debates. Argumentam alguns que a “pedra” refere-se ao próprio Pedro. Em outras palavras, Cristo edificaria a Sua igreja sobre Pedro. Essa interpretação apela para o papel chave

que esse apóstolo desempenhou no cristianismo primitivo. Ele teve um papel importante, porém não o principal. A importância de Pedro é vista no fato de que ele ocupa a primeira posição em todas as listas dos apóstolos (10:2–4; Marcos 3:16–19; Lucas 6:14–16; Atos 1:13). Após a ascensão de Jesus, Pedro assumiu o papel de liderança nos seguintes eventos: a substituição de Judas entre os apóstolos (Atos 1:15–22), o estabelecimento da igreja em Jerusalém no dia de Pentecostes (Atos 2:14–40), a transferência dos dons miraculosos do Espírito aos samaritanos (Atos 8:14–25), a divulgação do evangelho aos gentios (Atos 10; 11) e a condução da assembleia sobre judeus e gentios (Atos 15:7–11).

Essa perspectiva, argumenta-se, pode ser mantida sem que se aceite o ensino católico tradicional, o qual alega incorretamente que Pedro foi o primeiro papa e que seu ofício é perpétuo (a doutrina da “sucessão apostólica”). Por exemplo, David Hill viu o papel de Pedro como sendo único nessa conjuntura da história de Deus. Em sua avaliação, a ideia de que os bispos de Roma têm um papel semelhante hoje não é uma dedução legítima¹⁶. Outro comentarista, Donald A. Hagner, afirmou:

Atribuir a essa passagem seu significado natural, de que Pedro é a pedra sobre a qual a igreja é edificada, não é, de maneira alguma, afirmar o papado ou negar que a igreja, assim como os apóstolos, se apoia em Jesus como o fundamento de sua existência. Jesus é, afinal, o construtor e tudo o que os apóstolos fazem é por meio dele... Como geralmente se salienta, não há aqui outro elemento referencial a pedra senão Pedro, e é como representante de Cristo que a autoridade a ser mencionada no próximo versículo é dada a ele em sua custódia do evangelho de Cristo.¹⁷

Esta posição é geralmente relacionada a Efésios 2:20, onde Paulo afirmou que a igreja foi edificada “sobre o fundamento”¹⁸ dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (veja Apocalipse 21:14).

Outra interpretação da estrutura deste versículo é que a “pedra” refere-se à confissão de Pedro de que Jesus é “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16:16). O Antigo Testamento diz em profecia que o Messias seria a pedra sobre a qual a nova casa

¹³Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a ed., rev. e ed. Frederick W. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 809.

¹⁴Ibid.

¹⁵Michael J. Wilkins, “Matthew”, em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 102.

¹⁶Hill, p. 262.

¹⁷Donald A. Hagner, *Matthew 14–28*, Word Biblical Commentary, vol. 33B. Dallas: Word Books, 1995, p. 470.

¹⁸Todavia, alguns interpretam que “fundamento” em Efésios 2:20 refere-se ao ensino dos apóstolos e não aos apóstolos em si.

de Deus seria construída (Salmos 118:22; Isaías 28:16; Daniel 2:44, 45). O Novo Testamento afirma que Jesus é o fundamento sobre o qual a igreja é edificada (21:42; Atos 4:10–12; 1 Coríntios 3:11; 1 Pedro 2:4–8). Neste caso, o fundamento é a pedra fundamental da verdade de que Jesus Cristo é o Filho de Deus, como confessou Pedro. Aquele que vem a crer em Cristo faz essa confissão antes de receber o batismo (Atos 8:37) – momento em que é unido com Cristo e é acrescentado à Sua igreja (Atos 2:41; Romanos 6:3–5; 1 Coríntios 12:13; Gálatas 3:26, 27). Desse modo, a boa confissão se torna a parte viva e ativa do fundamento da igreja.

J. W. McGarvey defendeu essa posição comparando o reino (igreja) a uma cidade edificada sobre a rocha. Visto que Cristo é o construtor (16:18) e Pedro, o porteiro que tem as chaves (16:19), a pedra deve representar algo mais. O contexto imediato sugere a boa confissão como seu fundamento (16:16, 17). McGarvey escreveu:

Esta verdade, que ele é o Cristo, o Filho do Deus vivo, é a mais fundamental do sistema cristão – dela depende toda a superestrutura; sendo mais devidamente representada pela pedra no retrato do Salvador.¹⁹

Esta perspectiva apresentada por McGarvey nos parece a mais recomendável. O contexto, o jogo de palavras e o ensino subsequente do Novo Testamento compõem argumentos que não podem ser ignorados.

Jesus usou o pronome possessivo “minha” ao descrever o que Ele planejava edificar. Essa é a primeira vez que se usa a palavra “igreja” (ἐκκλησία, *ekklēsia*) no Novo Testamento. Mateus é o único escritor de evangelho a usá-la (16:18; 18:17). A palavra *ekklēsia*, também traduzida por “congregação” e “assembleia”²⁰, é usada 114 vezes no Novo Testamento. Pode se referir à igreja universal (Efésios 1:22; 5:23), a congregações de uma região (1 Coríntios 16:1), a uma congregação local (1 Coríntios 1:2) e à igreja reunida (1 Coríntios 11:18; 14:28). Quando Jesus usou *ekklēsia* em

¹⁹J. W. McGarvey, *The New Testament Commentary*, vol. 1, *Matthew and Mark*. S.c.p., 1875; reimpressão, Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 145.

²⁰Embora “congregação” e “assembleia” sejam termos usados para designar a igreja no Novo Testamento, também podem se referir a outros grupos de pessoas. Na Septuaginta, *ekklēsia* geralmente significa a “congregação” de Israel (veja Atos 7:38). Os gregos usavam *ekklēsia* para denotar uma “assembleia” de cidadãos livres (veja Atos 19:32, 39, 41).

Mateus 16:18, Ele Se referiu à igreja universal. A igreja pertence a Cristo; Ele a comprou com o Seu sangue vertido na cruz (Atos 20:28; 1 Pedro 1:18, 19; veja 1 Coríntios 6:20). Robert H. Gundry comentou que, em Mateus, a expressão “minha igreja” está em contraste com “a(s) sinagoga(s) dele(s)” (4:23; 9:35; 10:17; 12:9; 13:54; 23:34)²¹.

Jesus também disse a Pedro que **as portas do inferno não prevalecerão contra ela**. “Inferno” é uma tradução imprecisa do grego ᾍδης (*Haidēs*), cuja versão precisa é “Hades”. No Novo Testamento “Hades”, o reino dos mortos, é normalmente diferenciado de “inferno” (γέεννα, *gehenna*), o lugar de castigo final. Jack P. Lewis explicou que nas antigas traduções da Bíblia, a palavra “inferno” era usada para traduzir as duas palavras gregas. Naquela época, “Hades” estava apenas começando a circular em línguas como o inglês. Neste versículo, a maioria das versões modernas traz “as portas do Hades” ou termos equivalentes²².

No mundo antigo, as portas eram vitais para a defesa de uma cidade e eram indicadores de sua força. A palavra grega para “Hades” (*Haidēs*) corresponde ao hebraico para “Sheol” (שְׁאוֹל, *sh’ol*); ambos os termos referem-se ao reino dos mortos. Jesus combinou os dois conceitos de “portas” e “Hades” para falar do reino e do poder da morte. Isto é confirmado pelo uso das expressões “portas de Sheol” e “portas da morte” no Antigo Testamento (Jó 17:16 [NVI]; 38:17; Salmos 9:13; 107:18; Isaías 38:10). Na literatura grega, as expressões “portas de Hades” e “portas da morte” também se referem à esfera e ao domínio da morte²³. Certo livro apócrifo atribui a Deus o “poder sobre a vida e sobre a morte”, afirmando que Ele faz descer às portas do Hades e de lá retira os mortais²⁴.

Jesus disse que as portas do Hades (o poder da morte) “não prevalecerão contra ela”. O que isso quer dizer? Pelo menos duas interpretações gerais são possíveis. A primeira interpretação é que o pronome “ela” refere-se à edificação da igreja

²¹Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, p. 331.

²²Jack P. Lewis, “The Gates of Hell Shall Not Prevail Against It” (Matt 16:18): A Study of the History of Interpretation”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 38. Setembro de 1995, p. 353.

²³Homero, *Odisseia* 14.156; *Ilíada* 5.646; Ésquilo, *Agamemnon* 1291; Hesíodo, *Teogonia* 668, 774; Eurípides, *Hipólito* 56–57, 1447; *Hecuba* 1–2; Diógenes Laércio 10.126.

²⁴Sabedoria 16:13; veja 3 Macabeus 5:51.

como processo. A morte não impediria Jesus de estabelecer o Seu reino. Esta ideia encontra-se no contexto imediato, quando o Senhor predisse Sua morte e ressurreição (16:21). No dia de Pentecostes, Pedro pregou: “ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela” e “Cristo... nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção” (Atos 2:24, 31). Paulo escreveu que “havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele” (Romanos 6:9). Todavia, o pronome deveria ser neutro se Jesus estivesse se referindo ao processo de edificação.

A segunda interpretação é que o pronome “ela” (αὐτῆς, *autēs*) é feminino e se refere à igreja. No conceito desta interpretação, concluiríamos que o reino do Senhor é eterno e jamais pode ser derrotado (Daniel 2:44). Mais especificamente, diríamos que ele não pode ser detido por perseguição. Este tema também se encontra no contexto do capítulo. Jesus admoestou Seus seguidores a negarem a si mesmos e seguirem-no, mesmo que isso significasse martírio (16:24–27).

Outro pensamento a ser mencionado é o fato de que a morte não tem o poder de manter os cristãos presos (1 Coríntios 15:50–57). Em Apocalipse, Cristo é retratado como possuidor das “chaves da morte e do Hades” (Apocalipse 1:18). No fim de tudo, “morte e Hades” abandonarão seus mortos e serão lançados no lago de fogo (Apocalipse 20:13, 14).

JESUS: “DAR-TE-EI AS CHAVES DO REINO DOS CÉUS” (16:19, 20)

¹⁹**Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus.**

²⁰**Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo.**

Versículo 19. Após prometer edificar a Sua igreja (16:18), Jesus prometeu a Pedro: “**Dar-te-ei as chaves do reino dos céus**”. Parece que Jesus usou os termos “igreja” e “reino” como sinônimos. Cristo prometeu que o reino (a igreja) viriam enquanto Seus apóstolos ainda estivessem vivos (16:28), e outras passagens referem-se ao reino como uma realidade presente – isto na segunda metade do primeiro século (Colossenses 1:13; He-

breus 12:28; Apocalipse 1:9).

Chaves são usadas para abrir portas trancadas; elas são o meio de se entrar. Nas Escrituras, “chaves” geralmente são usadas figuradamente para simbolizar a autoridade e a responsabilidade de alguém sobre um domínio em particular (Isaías 22:22; Apocalipse 1:18; 3:7; 9:1; 20:1). No dia de Pentecostes, Pedro usou as chaves – a pregação do evangelho – para abrir as portas do reino para os judeus (Atos 2:14–42). Algum tempo depois, ele usou as mesmas chaves para abrir as portas do reino para os gentios (Atos 10:34–48; 15:7).

Entretanto, essas chaves não ficaram sob o domínio exclusivo de Pedro; os demais apóstolos também receberam a mesma autoridade (28:18–20; Marcos 16:15, 16; Lucas 24:47; Atos 2:14). E as chaves também foram usadas por outros discípulos que abriram caminho para o céu para os que os ouviram pregar o evangelho (Atos 8:4–13, 26–40; 16:14, 15, 25–34). As chaves estão sendo usadas até hoje por cristãos fiéis que compartilham o evangelho de Cristo com outros por todo o mundo.

A autoridade para pregar o evangelho como “chaves” tem suas raízes no judaísmo. Observamos que “a entrega de uma chave fazia parte da ordenação dos escribas”²⁵. No Talmude, chaves são símbolos da autoridade didática de um rabino²⁶. Jesus repreendeu os escribas e fariseus que “fech[avam] o reino dos céus diante dos homens” (23:13). Ele se opôs aos intérpretes da Lei, que “tom[aram] a chave da ciência” (Lucas 11:52). Por causa do legalismo e da hipocrisia, esses líderes religiosos dificultavam que as pessoas entendessem o verdadeiro significado das Escrituras e aceitassem a verdade a respeito de Jesus. Assim, dissuadiam as pessoas de entrarem no reino.

Jesus continuou dizendo a Pedro: “**o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus**”. Pouco depois, o Senhor fez uma promessa semelhante a todos os apóstolos (18:18). Jesus não estava dando a Pedro e aos demais apóstolos a autoridade para iniciarem suas próprias regras sobre a igreja. Em vez disso, eles seriam inspirados pelo Espírito Santo a ensinar tudo o que Jesus lhes ordenara – as verdades que Ele recebeu ori-

²⁵Arthur Skevington Wood, “Key”, em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, vol. 3, p.10.

²⁶Talmude, *Shabbath* 31ab.

ginalmente do Pai, que está nos céus (28:20; João 14:15–17, 26; 15:26, 27; 16:12–15).

“Ligar” e “desligar” eram termos conhecidos na época de Jesus que ocorriam frequentemente nas diversas escolas judaicas de pensamento. Essas palavras definiam o que era necessário e o que não era, o que era lícito (permitido) e o que era ilícito (não permitido). Lightfoot compilou uma lista de exemplos da literatura rabínica, e muitos deles retirados da escola conservadora de Shammai contra a escola liberal de Hillel. Várias dessas citações dizem: “A escola de Shammai *liga* isto, mas a escola de Hillel *desliga* isto”²⁷.

O que exatamente Pedro e os outros apóstolos ligaram e desligaram? Começando em Atos 2, eles alegaram – como Jesus lhes ensinara anteriormente – a necessidade de fé, arrependimento e batismo para se receber o perdão de pecados e ser acrescentado à igreja (Atos 2:38–41). A pregação apostólica desses requisitos para o pecador obter perdão elucidada a difícil passagem de João 20:23: “Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos”. O único sentido em que os apóstolos perdoavam pecados era comunicando às pessoas o que Jesus exigia para a salvação. Com o passar do tempo, os apóstolos ensinaram tudo o que era pertinente à igreja e à vida do cristão fiel. Os primeiros crentes reconheceram a autoridade dos apóstolos e se dedicaram ao “ensino dos apóstolos” (Atos 2:42). Quando esse ensino era violado, os apóstolos inspirados também exerciam autoridade na disciplina da igreja. Pedro confrontou Ananias e Safira por mentirem ao Espírito Santo (Atos 5:1–11) e Simão, por tentar comprar o poder de conceder os dons miraculosos (Atos 8:18–24).

Versículo 20. Após essa conversa, Jesus advertiu Seus seguidores que a **ninguém dissessem ser ele o Cristo**. Pedro tinha confessado que Jesus era o Cristo e o Filho de Deus (16:16) – uma convicção, sem dúvida, compartilhada pelos outros apóstolos (14:33). Entretanto, ele e o resto dos doze só tinham um entendimento superficial do que isso significava. Mais tarde, Jesus ensinaria a total extensão do significado disso (16:21). O tempo de Jesus na terra estava chegando ao fim, mas se a Sua verdadeira identidade fosse revelada antes do devido tempo, Seu ministério no plano de Deus estaria em perigo. No devido tempo, Jesus

²⁷Lightfoot, pp. 236–41.

não hesitou em revelar com intrepidez quem Ele era (26:63, 64; 27:11).

LIÇÕES

IMAGENS DE JESUS

(16:13–20)

Mateus 16:13–20 trata da importantíssima questão sobre quem era Jesus. Certo editorial de um jornal religioso comentou o seguinte sobre quatro “imagens de Jesus”²⁸. Em que Jesus devemos crer? No Messias do Livre-Comércio, favorável ao capitalismo global? No Jesus Paz-e-Justiça, o nazareno esquerdista que derruba o *status quo* e exalta os direitos do povo? No Jesus Ovelha-Calada-de-Deus, o Cristo dos céticos frequentadores-de-igreja que duvidam de quase tudo o que o Novo Testamento atribui a Ele? Ou seria no Redentor-que-Voltará, cuja segunda vinda é um megadrama para aqueles cujo pessimismo em relação a este mundo mau deixa a impressão de que Satanás tem mais poder do que Deus?

Quem era, afinal, esse carpinteiro do vilarejo de Nazaré? Jesus de Nazaré era realmente o Filho de Deus, ou não passava de um dos muitos impostores que vieram depois dEle? Algumas pessoas tentam minimizar dizendo que Ele foi um grande homem, um grande filósofo, o maior mestre e líder de homens que já existiu, ou um profeta, mas não o Filho de Deus. Não há zona neutra. Ou Jesus era tudo o que Ele alegou ser, ou Ele foi a pior fraude e o pior mentiroso que o mundo já conheceu.

A IDENTIDADE DE JESUS

(16:13–20)

Como saber qual era a identidade de Jesus?

1. *Testemunho bíblico das alegações de Jesus.* João Batista testemunhou que Cristo era Aqule cujo caminho ele veio preparar, que Ele era o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e que Ele era o Filho de Deus (João 1:29–34; veja 5:33–35).

Deus alegou que Jesus é Seu Filho em duas ocasiões: no Seu batismo (3:16, 17), que foi o cumprimento da profecia (Isaías 11:1, 2) e na transfiguração (17:5; Lucas 9:35). Mais tarde, Pedro escreveu a respeito desse evento, dizendo que

²⁸Estas descrições foram adaptadas de Ray Waddle, “Year of Jesus . . . but which one and what beliefs?” *The Nashville Tennessean*. 11 de dezembro de 2004, p. B3.

“esta voz... ouvimos” (ele, juntamente com Tiago e João) (2 Pedro 1:17, 18; veja João 5:37, 38).

Jesus disse que Suas obras provavam que Ele fora enviado pelo Pai (João 5:36). O testemunho mais formidável, segundo Paulo, foi Sua ressurreição, a qual declarou ser Ele “o Filho de Deus com poder” (Romanos 1:4).

2. *O cumprimento da Profecia.* As Escrituras contêm uma série de profecias messiânicas. Todas elas se cumpriram em Jesus Cristo, como é muitas vezes observado em Mateus:

- Foi prometido um precursor (Isaías 40:3; Malaquias 3:1; 4:5; Mateus 3:3).
- Nasceria de uma virgem (Isaías 7:14; Mateus 1:18–25).
- O tempo aproximado do Seu nascimento foi citado (Daniel 9:25; Lucas 2:1–7).
- O lugar de Seu nascimento foi citado nominalmente (Miqueias 5:2; Mateus 2:1–6).
- Uma estrela estaria associada ao Seu nascimento (Números 24:17; Mateus 2:2).
- A nação (Gênesis 12:1–3), a tribo (Gênesis 49:10) e a família (Isaías 11:1; Jeremias 23:5) das quais Ele iria surgir foram todas preditas (Mateus 1:1–6).

Todas essas profecias vieram a se concretizar tal como foram preditas. Além disso, muitos acontecimentos na vida do Messias foram profetizados:

- Ele seria chamado “do Egito” (Oséias 11:1; Mateus 2:15).
- Realizaria grandes obras (Isaías 35:5, 6; Mateus 11:2–5).
- Seria rejeitado (Isaías 53:3; João 1:11).

Os acontecimentos em torno da morte de Cristo também foram profetizados:

- O preço que seria pago na traição foi especificado, bem como o que seria feito com esse dinheiro (Zacarias 11:12, 13; Mateus 27:3–10).
- Sua conduta durante Seu julgamento e Seu sofrimento foram descritos (Isaías 53:7–9; Mateus 27:12–14; Atos 8:32–35).
- A forma pela qual Ele morreria foi predita (Salmos 22:16–18; Mateus 27:35).
- Nenhum de Seus ossos seria quebrado

(Salmos 34:20; João 19:32, 33).

- Ele seria sepultado num tipo de túmulo específico (Isaías 53:9; Mateus 27:60).

Finalmente, Sua ressurreição (Salmos 16:10; Atos 2:31) e ascensão (Salmos 68:18; Atos 1:9, 10; Efésios 4:8) foram profetizados e se cumpriram.

3. *O Testemunho de Outros.* Celso (segundo século d.C.), um oponente do cristianismo, admitiu que Cristo operou milagres, porém questionou a fonte do Seu poder²⁹. Justino Mártir (ca. 100–165 d.C.) falou de Cristo ter cumprido a profecia de Isaías curando todo tipo de enfermidade e doença. Escreveu ele: “Sabe-se [que Ele fez estas coisas] pelos Atos de Pôncio Pilatos”³⁰. Flávio Josefo, um historiador judeu, escreveu o seguinte:

A essa altura, existiu Jesus, um homem sábio, se é correto chamá-lo de homem, pois ele realizou obras maravilhosas – um mestre de homens que recebiam a verdade com prazer. Ele atraiu para Si muitos judeus e muitos gentios. Ele era [o] Cristo; e quando Pilatos, por sugestão dos principais homens entre nós, condenou-o à cruz, aqueles que o amavam inicialmente não o abandonaram, pois ele apareceu a eles vivo novamente ao terceiro dia, como predisseram os profetas divinos não só a respeito dessas coisas, como também a respeito de milhares de outras maravilhas relativas a ele; e a tribo de cristãos, assim chamada segundo o nome dele, até hoje não se extinguiu.³¹

O relato de Flávio Josefo confirma que Cristo “andou por toda parte fazendo o bem” durante a Sua vida (Atos 10:38).

QUEM FOI JESUS DE NAZARÉ? (16:13–20)

A resposta à pergunta sobre cremos na identidade de Jesus ainda é de suma importância. Cremos em Jesus, mas em que tipo de Jesus cremos? Quem foi o Galileu?

As evidências comprovam as reivindicações de Jesus. Ele reivindicou ser divino (Lucas 22:69, 70; João 14:7–11). As provas relativas à Sua identidade estavam na profecia cumprida, nas Suas

²⁹Orígenes, *Contra Celso* 1.6. Orígenes escreveu, em resposta a *Verdadeira Palavra* de Celso, uma obra que só existe nas referências de Orígenes.

³⁰Justino Mártir, *Apologia* 1.48.

³¹Flávio Josefo, *Antiguidades* 18.3.3. Embora muitos estudiosos creiam que esta citação de Josefo tenha sido editada por cristãos, eles geralmente concordam que ela contém verdades elementares escritas pelo historiador judeu. (Veja a exposição disso em Lee Strobel, *Em Defesa de Cristo*. São Paulo: Editora Vida, s.d., s.p.).

obras (11:2–5; Lucas 4:16–21) e no testemunho de outros, incluindo João Batista (João 1:29–36) e o próprio Deus (3:16, 17; 17:5).

Quais seriam as consequências se Jesus não fosse o Filho de Deus? Nossa pregação seria em vão. Todos os apóstolos e os cristãos primitivos seriam testemunhas falsas. Nossos entes queridos que morreram em Cristo jamais viveriam novamente, e os cristãos seriam as pessoas mais miseráveis da terra. Ao contrário disso, Paulo disse que Jesus viveu, morreu e ressuscitou dentre os mortos, e Ele está vivo (1 Coríntios 15:13–19).

A CONFISSÃO DE PEDRO

(16:16)

Pedro não foi o primeiro a confessar que Jesus era o Filho de Deus, mas ele foi o primeiro a fazer a confissão de uma forma completa (16:16). Precisamos crer na declaração de Jesus: “EU SOU” (João 8:23–30). Devemos crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus e confessar isso perante outros (10:32, 33).

A IGREJA DE CRISTO

(16:18)

Jesus disse: “Edificarei a minha igreja” (16:18). “Minha” é um pronome possessivo que denota propriedade. A igreja pertence a Cristo porque Ele a comprou com o Seu próprio sangue (Atos 20:28; 1 Pedro 1:18, 19; veja 1 Coríntios 6:20). A igreja é o corpo de Cristo (Efésios 1:22, 23; Colossenses 1:18), a noiva de Cristo (Apocalipse 21:1, 2; veja Romanos 7:1–4; Efésios 5:22, 23), o Seu rebanho (João 10:14–16; 1 Pedro 5:1–4) e a família de Deus (1 Timóteo 3:15). Embora a igreja seja citada nas Escrituras por diversos termos ou títulos descritivos, está claro que a igreja pertence a Cristo.

Sendo assim, por que não nos referirmos ao corpo de Cristo como “as igrejas de Cristo”? Esta é uma designação bíblica para a igreja (Romanos 16:16). Embora não devamos insistir em que este é o único termo pelo qual a igreja pode ser conhecida, é a expressão usada nas Escrituras que identifica melhor a igreja como pertencente a Cristo, o qual morreu por ela (Efésios 5:25).

Autor: Sellers Crain

© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS